

---

---

# **terra roxa**

## **e outras terras**

Revista de Estudos Literários

---

---

### AUTORIA FEMININA: ROMANTISMO NA CONTEMPORANEIDADE?

Sílvia Barros (UFRJ)  
silvialetras2003@yahoo.com.br

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo relacionar características temáticas do movimento romântico com a literatura contemporânea, levando em consideração a presença da autoria feminina desde o século XXI. Considera-se de fundamental importância trazer à luz a obra de escritoras do passado e mostrar o eco de suas obras na produção literária do presente. Para isso é analisado o romance *Antes que o amor acabe*, de Patrícia Bins, além de outras obras de autoras dos séculos XX e XXI.  
**PALAVRAS-CHAVE:** literatura contemporânea; romantismo; autoria feminina.

### **INTRODUÇÃO**

O Romantismo é tratado, tradicionalmente, como estilo de época basilar da formação da literatura e cultura brasileiras. Embora tenha sido um movimento fecundo na Europa, chegou ao Brasil no momento em que a recém-nascida elite burguesa buscava construir uma identidade cultural brasileira:

Assim, o Romantismo, no Brasil, assumiu um feitiço particular, com caracteres especiais e traços próprios ao lado dos elementos gerais, que o filiam ao movimento europeu. De qualquer modo, tem a importância extraordinária, porquanto foi a ele que deu o país sua independência literária, conquistando liberdade de pensamento e de expressão sem precedentes, além de acelerar, de modo imprevisível, a evolução do processo literário. (Coutinho 1990: 152-153)

Temas como o culto à natureza adaptaram-se muito bem à necessidade brasileira de inaugurar o orgulho nacional por meio das belezas nativas. O individualismo, o

sonho e o escapismo também foram incorporados pela nova intelectualidade. Além disso, por meio da produção romântica foi possível consolidar os valores morais e culturais da sociedade do século XIX.

Nesse sentido, torna-se importante notar que os papéis de homens e mulheres na cena literária eram bem definidos. Os homens produziam a literatura e as mulheres, em certos momentos, recebiam a permissão de ter contato com alguma obra por eles produzida. Dentro e fora dos livros, o espaço da mulher era restrito a casa e cuidados com a família. Embora muitas fossem instruídas, essa característica frequentemente era vista apenas como mais um atributo (assim como bordar, tocar piano e falar francês) que aumentava o valor da moça no mercado matrimonial.

Porém, sabe-se que algumas mulheres produziram textos literários e se arriscaram no mundo público. Algumas até com certo reconhecimento. Entretanto, pouco dessa produção se fixou na história e na crítica literárias. O cânone é majoritariamente masculino.

Contudo, uma discussão mais contemporânea a respeito do Romantismo revisou-o a partir dos estudos literários de gênero. Nessa perspectiva, pesquisadores e pesquisadoras têm se preocupado em incluir autoras na tradição romântica. Tal atitude está claramente relacionada à ascensão da perspectiva feminista nos estudos literários. Torna-se fundamental estudar a presença da mulher na literatura romântica, não só como personagem ou como eu lírico, mas como produtora da cultura literária brasileira:

Os primeiros escritores brasileiros foram pródigos em narrar lutas de seus heróis e heroínas até o momento em que as barreiras ritualísticas do amor eram ultrapassadas para efetivar o casamento. Os livros românticos assim se fechavam, após o casamento. Poucas mulheres jovens e casadas apareciam em cena nesses romances. (Alves 2001: 12)

O código burguês que encerrava a mulher na casa se mostra na prosa romântica, criando um ar de misteriosa harmonia conjugal em que a subjetividade dá lugar à instituição sagrada e intocada do casamento. As poucas aparições de jovens casadas serviam mais como pano de fundo, ou por uma necessidade de dar bom andamento à trama, no entanto, suas histórias não eram mais interessantes, pois o objetivo de suas vidas já havia sido atingido.

No contexto do Romantismo, com a consolidação de uma classe burguesa que se instruída, mais mulheres passaram a ter acesso às “novidades” da época, inclusive na arte e na cultura. O acesso às obras do Romantismo fomentou em algumas mulheres o desejo de escrever também naqueles moldes, porém, de um ponto de vista próprio, ainda que não rompesse com as convenções sociais da época. Para isso, as escritoras enfrentaram as barreiras do preconceito e do cânone, ficando relegadas a uma ou outra citação, quando muito, em listas de poetas e ficcionistas do século XIX.

Algumas dessas autoras são consideradas pioneiras do feminismo no Brasil, como Nísia Floresta, uma das escritoras mais referenciadas pela crítica e historiografia lite-

rárias desse período. A potiguar produziu textos de caráter nacionalista, porém extremamente críticos em relação à mulher, bem como à situação dos índios no Brasil.

Outra autora trazida à luz recentemente por meio de pesquisas nas universidades do país é Maria Firmina dos Reis. Em seu romance *Úrsula*, a autora rompe com o conservadorismo patriarcal:

Úrsula se torna o primeiro romance brasileiro a desorganizar o poder mandonista dos proprietários da terra, pois além de eles serem personagens secundários, são punidos pelo investimento literário, ao exercerem na narrativa apenas a função de antagonistas reacionários que impedem o desenvolvimento do amor e da plenitude da vida, fato que consolida a ironia em sua construção narrativa, não apenas como um tropo retórico, mas como construção de significado, pois os senhores da terra (os poderosos) passam a ser maus e execráveis no domínio da literatura. (Nascimento 2009: 07)

É claro que seria ingênuo pensar que todas as mulheres que produziram literatura naquele período tiveram o intuito de denunciar problemas sociais. Por outro lado, o simples fato de se negarem ao silêncio já as faz transgressoras.

Houve, entre as poetisas e prosadoras do Romantismo, aquelas que se utilizaram de uma “voz feminina” para tematizar seu lugar na sociedade: em casa, no seio da família. Essa voz imersa no sentimentalismo, na doçura e no culto ao lar criou uma poética intimista que se tornaria sinônimo de “literatura feminina”, desenvolvendo, assim, um estereótipo.

Entre avanços e recuos, inovação e manutenção, a mulher foi garantindo seu espaço na cena literária e, embora o conhecimento de autoras do século XIX seja fruto de pesquisa arqueológica e recuperação memorialística, no século XX, principalmente na segunda metade, a autoria feminina passa a ter maior representação. Tais obras se alinham à perspectiva das românticas, no sentido de que apresentam, mesmo em suas diferentes nuances, vozes femininas que rejeitam o papel de passividade e submissão. Muitas vezes apresentando o lar como um lugar partido, em que afetos e tensões moldam as novas relações familiares, bem como a inserção definitiva da mulher no mundo social:

A literatura de grande parte das narrativas de autoria feminina, produzidas de 1960 para cá, revela, entre outras coisas, características comuns que, de forma alguma, anulam a originalidade artística de cada uma. A condição da mulher, vivida e transfigurada esteticamente, é um elemento estruturante nesses textos; não se trata de um simples tema literário, mas da substância mesma de que se nutre a narrativa. (Xavier 1991: 11)

Essa substância nutritiva de que fala Elódia Xavier na coletânea de ensaios organizada por ela – *Tudo no feminino*: a presença da mulher na narrativa contemporânea

brasileira – é o fato, em si, de haver a marcação de gênero. Ser mulher significa ter algo a dizer que não pode ser dito por homens, pois se vive uma sociedade desigual. O título do livro mostra essa marca por meio do substantivo “presença”. Deveria ser óbvio que a mulher está presente na narrativa brasileira, não só na contemporânea, aliás. Porém, como foi visto na breve introdução a respeito da situação da mulher no Romantismo, apesar de elas serem, já no século XIX, parte do público leitor, estarem se inserindo no mundo letrado e fazerem parte de uma sociedade em busca de sua identidade cultural, sua presença era negada ou silenciada. Muitas contribuíram para a ruptura desse paradigma, porém este é um processo que se dá até os dias de hoje.

A recente premiação internacional (Prêmio Griffin) da poeta brasileira Adélia Prado mostra como a presença da mulher na literatura mundial está em processo de consolidação. Assim, torna-se importante, ainda hoje, discutir e analisar textos de autoras, a fim de que seus nomes e suas obras marquem presença nos estudos literários, mesmo que em pequenas contribuições como esta.

## 1 A POÉTICA DA INTIMIDADE: DO ROMANTISMO AOS DIAS DE HOJE

Dentre os elementos estéticos e temáticos desenvolvidos durante o Romantismo, destaca-se o olhar focado no sujeito. “O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver conflitos com a sociedade, lança-se à evasão” (Bosi 2004: 93) em busca de ecos de suas emoções na natureza, no diálogo expressivo entre exterioridade e interioridade.

Levando em consideração que o espaço feminino é, essencialmente, o doméstico – entendendo essência como uma forma estereotipada de definir o indivíduo –, percebe-se a dificuldade que a mulher do Romantismo encontrava em evadir-se do ambiente para o qual estava socialmente designada. A representação da natureza expressando estados de espírito serviu como libertação. Em ensaio publicado no livro *Desfazendo o Cânone (2)* – ecos de vozes femininas na literatura do século XIX (Cunha et al 2001), Maria Aparecida Rodrigues Fontes analisa a obra da poeta Amália dos Passos Figueiroa que usa a temática da evasão como estratégia de transgressão:

Amália ao tentar coadunar o mundo externo com o seu mundo interno, depare-se com o sentimento de rejeição e a necessidade de renunciar ao desejo sexual que somente se realizaria com o casamento. Da liberdade apregoada nos salões sobram apenas renúncias que se traduzem em palavras: prisão, solidão e silencia [...]. Amália então realiza uma subversão: esconde o desejo nas dobras da natureza. Eis o disfarce. (Fontes 2001: 63).

A proposta romântica, portanto, traz como benefício às escritoras a possibilidade de, em nome da estética, transfigurar suas emoções em delírios idílicos. Porém, os ecos do Romantismo na literatura dos séculos XX e XXI dão exemplos da concretização tardia dessa evasão geográfica e invasão emocional. Duas obras serão destacadas

para exemplificar esse movimento: *A cidade sitiada* de Clarice Lispector, publicada em 1949 e *Azul e dura*, de Beatriz Bracher, publicada em 2002.

Ambas as obras situam suas protagonistas em locais que representam sua situação emocional. Na obra de Clarice Lispector, a protagonista Lucrécia Neves leva uma vida sem grandes emoções e sem grandes questionamentos. “Faltava o nome das coisas, mas eis, eis aqui, ali, eis a coisa, a igreja, as pombas voando sobre a Biblioteca, os salames à porta da loja, o vidro ardente de uma janela sinalizando com insistência o morro.” (Lispector 1998: 47). O que Lucrécia melhor sabia fazer era nomear o que via, especialmente a natureza, assim, nos espaços naturais revela-se melhor sua interioridade:

A terra em torno da água era humosa, exalante – Lucrécia Neves a respirava com importância e delicadeza. De tanto fitar o córrego sua cara prendera-se a uma das pedras flutuando e deformando-se na corrente, o único ponto que doía, mais doía tanto boiava e sonhava na água. Aos poucos ela não saberia se olhava a imagem ou se a imagem a fitava porque assim sempre tinham sido as coisas e não saberia se uma cidade tinha sido feita para as pessoas ou as pessoas para a cidade – ela olhava. (Lispector 1998: 53).

O texto de Clarice Lispector leva ao extremo o espelhamento entre personagem e espaço, chegando à simbiose. Lucrécia Neves vê sua própria cabeça entre as pedras, como se fosse, ela também, aquele elemento estático da natureza, mas que tem, ao seu redor, uma corrente de água que se move, porém não o suficiente para deslocá-la. Assim é sua existência na cidade: parada, apesar do movimento lento de desenvolvimento que se estabelece. Ela mesma se confunde com a cidade: Lucrécia é uma existência sitiada.

Os elementos naturais passam a apresentar certa hostilidade, pois se associam às transformações urbanísticas do século XX, aquela natureza romântica que caracterizava o sonho da nacionalidade está, na obra de Clarice, contaminada pela construção de estradas, muros, pontes. Assim como a existência da mulher está fragmentada, dividida entre aceitar seu destino do casamento e da maternidade e fazer as próprias escolhas. Lucrécia, pois, não escolhe, ela segue, assim como a cidade segue seu destino de crescer:

Se ao menos a moça estivesse fora de seus muros. Que minucioso trabalho de paciência o de cercá-la. De gastar a vida tentando geometricamente assediá-la com cálculos e engenho para um dia, mesmo decrépita, encontrar a brecha.

Se ao mesmo estivesse fora dos muros.

Mas não havia como sitiá-la. Lucrécia estava dentro da cidade. (Lispector 1998: 71)

A personagem clariceana se funde tão fortemente com a cidade que cria a imagem anterior: ela gostaria de sitiar a cidade, gostaria de estar fora dela para dominá-la e

não para ser dominada. Ela gostaria de ser capaz de acessar sua interioridade. Lucrecia Neves, em momento algum, demonstra intimidade consigo mesma.

No romance de Beatriz Bracher, a protagonista deixa São Paulo para passar férias nos Alpes Suíços. Nesse ambiente tão diverso da sua realidade, onde o frio é hostil, apesar da ideia de refinamento, a personagem Mariana embarca em uma viagem existencial, a fim de se recuperar dos últimos acontecimentos de sua vida: ela atropelara uma moça deficiente. O ambiente gelado representa sua própria existência desde o dia em que ela causou essa morte:

As crianças começaram a brigar no banco de trás e ao virar para acudi-las o pé soltou o pedal do freio, o carro moveu-se lentamente e, enquanto voltava o olhar para frente e pisava no freio, ouvi um barulho de impacto de metal no asfalto. Gelei. Minha perna pressionando o freio, meu olhar na rua vazia. Gelei. As pessoas à volta. Foi um momento fechado e silencioso. (Bracher 2010: 15)

Esse episódio causa em Mariana um processo de congelamento existencial tão grande que é preciso que ela enfrente o frio físico para enfrentar as lembranças e passar a limpo seus últimos três anos de depressão e alcoolismo. O título do romance deixa claro o estado em que se encontra: azul e dura. Características de um corpo congelado. Esses dois adjetivos são empregados na narrativa para descrever a mala usada para carregar seus livros e cadernos que usará para fazer o balanço de sua vida: “Sim, estes dias na Suíça, este caderno, isso que começo tem que ser uma realidade-faca” (Bracher 2010: 14). Mariana pretende abrir espaço em sua intimidade congelada por meio da reflexão e da escrita, assim como as escritoras românticas usaram a escrita para devassar a intimidade de suas casas e de seus casamentos, nem sempre desejados, nem sempre harmoniosos.

## 2 AGONIA ÍNTIMA: PATRÍCIA BINS

No romance *Antes que o amor acabe* (1984), de Patrícia Bins, é narrado um drama existencial vivido por Anna. O espaço geográfico em que se passa a narrativa é uma cidade praiana em pleno desenvolvimento, mas ainda turística, portanto vazia na maior parte do ano. Anna vai morar lá com o marido, após aposentar-se. O drama está presente pelo fato de que tudo para Anna são irrealizações. Ela não queria deixar de trabalhar, não gosta de viver nessa cidade, vive um casamento sem amor, não foi capaz de ser mãe:

A lua se perde entre nuvens, o sol devagar nasce e o contorno do edifício se faz mais claro enquanto busco, além, o horizonte de morros azuis que me consola, um consolo triste porque inevitavelmente desaparecerá. O progresso atinge até mesmo esse balneário por onde passou Pedro I; escasso casario colonial aos

poucos derrubado, brotando, inconscientes do dano, imensos cogumelos que banem para sempre a fisionomia da vila anterior. (Bins 1984: 28)

Nesse trecho, a melancolia de ver a mudança da paisagem natural para a paisagem urbana representa a dificuldade que Anna vive ao perceber sua vida mudando contra sua vontade. Flashbacks levam Anna para sua infância, quando convivia com a figura materna enclausurada em um quarto, vítima de transtornos psiquiátricos. Através da mãe, tem o primeiro contato com a morte: ela presencia o suicídio da mãe e vê a indiferença nas reações da tia e do pai (que se casam posteriormente). Embora os episódios do passado e do presente não sejam apresentados pela narradora como episódios interligados, fica claro que a narradora luta consigo mesma para estabelecer um sentido para sua vida.

Outra relação dialética presente é vida e morte:

Nos molhes, você busca entre as rochas plantinhas aquáticas, verifica o quanto cresceram desde ontem, algas, musgos; conchas, búzios, olhos, rostos, gestos. Não coleciona coisas mortas, só o vivo lhe interessa, acho que não me entende por minhas mortes, sempre as pressenti, após o jardim, após a domesticação. (Bins 1984: 33).

O marido de Anna apresenta verdadeiro interesse pela vida natural da localidade, ela apenas o acompanha nas expedições a lagos, lagoas, falésias e praias. Ao longo dessas caminhadas, Anna reflete sobre o relacionamento, cada vez mais escasso de diálogo, que ainda mantém com o marido. Muitos momentos da narrativa apresentam esse tom epistolar e descritivo, como se produzisse uma confissão para o marido. Anna o vê como um ser integrado à natureza, enquanto ela está “domesticada”, tanto em seu cotidiano de seguir o marido em suas expedições diárias, como na vida social que a fez seguir as escolhas tradicionais, como o casamento. É importante destacar a palavra “jardim”, pois ele simboliza a domesticação da natureza, o ato de controlar o crescimento de plantas, de selecionar aqueles a que se atribui mais beleza.

Na passagem citada, ela percebe que um dos aspectos que os afasta é haver nela sinais de mortes – a morte da mãe, o fato de não ser mãe – enquanto ele é um apreciador da natureza, da coisa viva. A morte da mãe é um acontecimento central na vida de Anna, e também está relacionada aos sentidos de natureza e domesticação:

Mandam buscar mamãe, aparentemente restabelecida e ela volta ao sótão, isolando-se na companhia do siamês. Mas, por pouquíssimo tempo: certa manhã se joga da janela, a roupa lilás bordada de miçangas. Na queda, o desnucamento fatal. Encontro o corpo inerte sobre um canteiro de primulas: o colorido das flores, cujas hastes se vergam condoídas, me ofusca; tons de azul e rosa como que fazendo parte da figura humana entregue afinal a si própria, à natureza. Permaneço quieta, estarecida; depois, num gesto selvagem, me refúgio no topo do pé de manga-rosa a uivar como bicho. (Bins 1984: 55)

A morte da mãe é narrada em uma cena em que o belo e o grotesco se mesclam. A descrição das cores e do vestido da mãe cria uma aura bela e plácida, enquanto que a imagem do desnucamento e do corpo caído por cima das flores gera terror. A menina que presenciou essa cena se tornará uma mulher mal resolvida com seu corpo, frustrada por não ser mãe, domesticada pela sociedade e pelo casamento. Entretanto, ela busca uma liberdade, que se representa no romance pelo caso amoroso que inicia com um trabalhador da obra em frente ao seu prédio, e que se expressa pela tentativa de escrever.

A personagem Anna, assim como Mariana, de *Azul e dura*, usa o ato de escrever como forma de liberar as angústias vividas e, quem sabe, compreender alguns dos sentimentos que conturbam sua existência. “Extraordinária compulsão que me obriga o registro no papel: vem fulminante, febril, mas, de raro em raro. O resto do tempo vivo. E se digo que vivo é porque na verdade vou morrendo, a sensibilidade embotada, o vazio, uma angústia que palavra alguma poderia definir”. (Bins 1984: 105). A cena da personagem isolada, buscando a expressão do eu através da literatura remete ao subjetivismo romântico, à literatura como escape e expressão desesperada. As oposições da compulsão “febril”, seguidas do embotamento, também são imagens românticas que expressam o ser cindido: a agonia íntima de viver e morrer.

O ato de escrever, importante para a reflexão dessas personagens, revela que as escritoras, deste século e dos passados, estão preocupadas com a relação entre escrita e autoconhecimento, leitura e reflexão sobre a alma humana. Tal contribuição na história da literatura foi restrita, justamente porque não era permitido à mulher expressar-se artisticamente. Tal reflexão lembra Virgínia Woolf em *Um teto todo seu*, obra em que discute a necessidade que a mulher também tinha, mas que não lhe era permitido realizar, de isolamento e reflexão por meio da escrita:

perto do século XIX a consciência de si mesmo se desenvolvera a tal ponto que era um hábito dos homens das letras descreverem o que lhes passava pela mente em confissões autobiográficas. Também suas vidas foram escritas, e suas cartas foram publicadas após a morte deles. [...]

Depreende-se dessa imensa literatura moderna da confissão e da autoanálise que escrever uma obra de gênio é quase sempre um feito de prodigiosa dificuldade. [...]

Mas para as mulheres, pensei, olhando para as prateleiras vazias, essas dificuldades eram infinitamente mais desconhecidas. [...] O mundo não lhe dizia como a eles: “Escreva, se quiser; não faz nenhuma diferença para mi”. O mundo dizia numa gargalhada: “Escrever? E o que há de bom em você escrever?” (Woolf 2004: 58-60)

Woolf mostra que todos os escritores sofriam para escrever, pois esse ato de confissão, além de difícil, exigia uma vida de renúncias. Mas, ainda assim, era dada a oportunidade aos homens que essas obras viessem ao mundo e que alguns deles fossem considerados grandes gênios. Já as mulheres não tinham a oportunidade de



renunciar ao seu destino para escrever e, caso teimassem em fazê-lo, eram recebidas com hostilidade.

Na contemporaneidade, esse ato doloroso é dramatizado na literatura, espelhando a temática intimista do Romantismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões realizadas neste artigo, pode-se entender a importância que o Romantismo teve para a literatura brasileira. Dos diversos aspectos que poderiam ser abordados, já que tal movimento abrangeu diversas temáticas e fases, escolheu-se pensar nas questões de gênero para estabelecer o diálogo entre as produções românticas e as contemporâneas.

A escritora romântica foi pioneira na luta pela presença da mulher na literatura. Porém, essa inserção ainda está em processo, pois, ao se observar o cânone, a referência a autoras ainda é menos frequente que a referência a autores. Nesse processo, algumas temáticas foram propícias à produção de autoria feminina. A presença da natureza, a evasão e o subjetivismo são exemplos destacados na literatura daquela época, assim como na de nossa época.

Clarice Lispector, Beatriz Bracher e Patrícia Bins são escritoras que dialogam com as questões caras às precursoras do século XIX. Na obra delas a natureza se mostra como elemento especular das emoções das personagens protagonistas. No caso de Bins, tal característica se enfatiza por meio dos jogos de opostos: luz e escuridão, vida e morte, urbanidade e natureza. Essas oposições perpassam a trajetória dramática da personagem, que busca entender suas angústias existências, principalmente aquelas reveladas pelo casamento infeliz.

## OBRAS CITADAS

ALVES, Ivya. Suaves, mas resistentes. Helena Parente Cunha et al. *Desafiando o Cânone (2) – Ecos de Vozes Femininas na Literatura Brasileira do Século XIX*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2001.

BINS, Patrícia. *Antes que o amor acabe*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2004.

BRACHER, Beatriz. *Azul e dura*. São Paulo: Ed. 34, 2010.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CUNHA, Helena Parente et al. *Desafiando o Cânone (2) – Ecos de Vozes Femininas na Literatura Brasileira do Século XIX*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2001.

FONTES, Maria Aparecida Rodrigues. Palimpsesto Romântico. Poética, amor e casamento na escrita feminina do séc. XIX, em Amália dos Passos Figueiroa e Júlia da Costa. Helena Parente Cunha et al. *Desafiando o Cânone (2) – Ecos de Vozes Femininas na Literatura Brasileira do Século XIX*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2001.

NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. *O romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no Romantismo brasileiro*. 2009. 106 fl. Diss. (Mestrado em Literatura brasileira) - UFRJ.

LISPECTOR, Clarice. *A cidade sitiada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

XAVIER, Elódia (ORG.). *Tudo no feminino: a presença da mulher na narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

FEMALE AUTHORSHIP: ROMANTICISM IN CONTEMPORARY LITERATURE?

ABSTRACT: This article aims to relate thematic characteristics of the Romantic movement in contemporary literature, taking into account the presence of female authorship in the XXI century. It is of fundamental importance to bring to light the work of women writers of the past and show the echo their works in the literary production of present times. For it I discuss the novel *Antes que o amor acabe*, by Patricia Bins, and other works of authors of the 20th and 21st centuries.

KEYWORDS: romanticism; female authorship; contemporary literature.

Recebido em 14 de junho de 2014; aprovado em 20 de dezembro de 2014.